

MEMÓRIAS DE LEITURA: BREVE INVENTÁRIO

Alex Rezende Heleno
(PPGLetras/UFJF – Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Alex Rezende Heleno possui graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Viçosa (2012). É mestre em Letras – Estudos Literários pela mesma universidade. Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atuou como professor da Rede Municipal de Ensino (Ubá, MG). Além de ser professor de língua portuguesa, literatura e redação na Rede Estadual de Ensino (SEE, MG), é também professor particular de Língua Francesa. E-mail: alexrezendeh@yahoo.com.br

RESUMO	ABSTRACT
Esse trabalho se propõe à rememoração de obras literárias lidas ao longo da minha trajetória de vida estudantil até o presente instante (2012) ¹ . Destaca-se, para tanto, as obras e momentos mais marcantes dessa formação leitora e literária. Apesar de se tratar de relato bastante pessoal, será a oportunidade para refletir acerca das leituras escolares e acerca da interação de três entidades importantes na formação do leitor/aluno: a família, a sociedade e o professor.	This paper aims to recall of literary works read throughout my life story up to the present moment (2012), emphasizing, the most memorable works and moments of this reader and literary training. Propose a reflection about the school readings and the interaction of three important entities in the reader's training: the teacher, the family and society.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ensino; Leitura; Literatura.	Teaching; Reading; Literature.

¹ Trata-se de um texto escrito para a disciplina de Literatura e Ensino cursada durante o mestrado na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A crise na leitura não é atual na história do país, mas ela tende a se agravar com o surgimento das novas tecnologias que exigem a velocidade e a instantaneidade na comunicação. A circulação de textos rasos e sem fundamentação e a circulação instantânea de ideias prontas e enganosas marcam esse início de século. Não se deve, portanto, privar o aluno e a escola do uso de tais tecnologias, mas é preciso que também ela seja pensada e ensinada como potencializadora na formação de leitores literários conscientes.

A literatura demanda tempo, concentração, outras leituras. Ela não é a resposta para os problemas, mas ajuda a enxergá-los. Ela traz em si a história, a política, a filosofia, a sociologia, a diversidade. Enfim, a literatura nos apresenta os paradoxos da vida e mesmo da morte.

Nesse momento em que a desvalorização do professor alcança níveis absurdos, em que a ignorância, a violência, os preconceitos se espalham facilmente através das redes, é preciso garantir tal direito, mas antes disso é preciso que a sociedade entenda tal direito. Há um longo caminho e ele passa, sem dúvidas pelas políticas educacionais, pela universidade, pelas escolas e pela sociedade.

Esse trabalho se justifica, portanto, como um meio para se pensar e repensar a formação de professores, de leitores e de contribuir para o direito à literatura a partir de uma visão pessoal do autor, que busca em suas memórias de leitura investigar aspectos positivos e negativos quanto a própria formação literária.

Não se nasce leitor, torna-se leitor. Parodiar Simone de Beauvoir é uma forma de pensar a própria formação do leitor, colocando em cena os fatores sociais, a família e a própria escola. Esses elementos são fundamentais na formação do leitor. Além disso, as concepções de leitura, o valor dado à literatura pela sociedade, a forma de abordar a leitura na escola influem nessa formação.

Portanto, o exercício de pensar a formação enquanto aluno é um modo de refletir acerca da formação escolar e da relação que se estabelece entre esta e os demais atores sociais. Esse relato de experiência traz, em primeira pessoa, um breve inventário da formação leitora do próprio autor.

Cresci numa família que não tem uma tradição de leitura de textos literários. Meus pais não concluíram seus estudos: minha mãe deixou os estudos no ensino médio e meu pai concluiu apenas o ensino fundamental. Contudo, sempre nos incentivaram (a mim e aos meus irmãos) a estudar e a concluir, no mínimo, o ensino médio, pois sabiam da importância de uma formação básica. Nunca compramos ou ganhamos um livro de literatura durante a infância ou adolescência. Apenas a Bíblia ficava na estante, já que minha família é tradicionalmente católica. Contudo, o “livro sagrado” era manuseado

apenas por minha mãe, fato que causava um distanciamento dos livros e uma aura de sacralidade dos mesmos. Infelizmente, esse desinteresse e essa desvalorização dada ao livro (de literatura, sobretudo) são muito comuns na sociedade brasileira.

Qual a importância do livro literário para uma família de agricultores? Poderíamos nos questionar. A resposta é o conhecimento. Conhecer a si e ao outro, conhecer o mundo, bom ou ruim, justo ou injusto, em guerra ou em paz. Conhecê-lo e nos conhecermos para não ficarmos indiferentes aos fatos, à vida. Acreditar que a literatura não faria diferença na vida do homem do campo é um modo de negar essa forma de cultura ao cidadão, tendo em vista a falta de políticas públicas eficazes para a disseminação da literatura e para o incentivo à leitura das obras literárias.

Morávamos na zona rural e para cursar os anos iniciais do ensino fundamental era preciso percorrer cerca de 30 minutos de bicicleta até a escola municipal. Não havia uma biblioteca acessível aos alunos nessa escola. Os textos lidos eram aqueles contidos nos livros didáticos. A prática de leitura era restrita à sala de aula.

Após a conclusão dos primeiros quatro anos do ensino fundamental era preciso ir até a cidade para continuar os estudos. Havia um ônibus para transportar os alunos. Já nessa escola, mantida pelo Estado, lembro-me bem da biblioteca, muito embora não a usássemos com frequência. Recordo-me apenas de um período em que houve uma substituição do professor de língua portuguesa e, nesse momento, fomos incentivados a ir à biblioteca pelo professor substituto que nos deixou livres para escolhermos o texto. Nesse período tive contato com obras de Shakespeare adaptadas numa versão infanto-juvenil. Lembro-me de *Otelo* e *Rei Lear*.

Foi nessa mesma época que tive oportunidade de ler um livro que me marcou: chama-se *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon (1992). Foi através do incentivo do professor que nos permitiu essa ida à biblioteca durante o horário da aula e nos permitiu escolher qualquer obra que nos agradasse que encontrei esse texto literário. Era realmente a tentativa do professor de nos abrir para o mundo da leitura prazerosa e sem fins puramente didáticos, tendo em vista que não eram pedidas atividades posteriores à leitura. Assim, destaco como elemento imprescindível na formação do leitor a presença e o incentivo do professor, que mesmo dando a liberdade ao aluno deve orientá-lo em sua leitura. Deve, além disso, incentivar a troca de experiências de leitura entre os alunos. Em geral, há muito que dizer após uma leitura e isso se percebe quando mais de um aluno assiste, por exemplo, a uma série televisiva. Percebe-se pontos de vista diferentes, modos de interpretação diferentes, críticas diferentes; proporcionar esse espaço de discussão ligado à literatura é fundamental para a troca de conhecimentos e para a ampliação das leituras de um texto.

A leitura de *O menino do dedo verde* aconteceu por volta de 1998, mas ainda me

recordo com detalhes de algumas passagens. A narrativa nos traz a história de um menino que, com seu dedo verde, era capaz de fazer nascerem flores onde quer que ele tocasse. A parte mais impressionante se dá quando ele toca nas armas destinadas à guerra, fazendo com que estas disparem flores.

A ilustração dessa e de outras cenas era encantadora. O menino do dedo verde era uma espécie de herói em prol da paz. A leitura me despertava o desejo de ser também esse herói em prol da paz, de poder tocar os objetos e fazer com que nascessem belas flores. Minha imaginação era fertilizada com essa leitura. Eu me sentia o próprio herói daquela narrativa e já sofria com as mazelas e injustiças da humanidade. Publicada pela primeira vez em 1957, a atualidade da obra impressiona. Os homens ainda optam pela guerra ao invés da paz. O diálogo entre as nações continua restrito, os problemas econômicos, sociais e políticos se agravam.

Ao final do ensino fundamental nos mudamos para a cidade. Ali cursei todo o ensino médio. Nessa escola, também estadual, havia uma biblioteca, mas essa foi usada com muito menos frequência do que a da outra escola onde cursei os anos finais do ensino fundamental. Não havia incentivo para ir à biblioteca e penso que para que o aluno possa “caminhar sozinho” e ser capaz de ir à biblioteca por si próprio escolher um texto é preciso que ele tenha esse caminho iniciado junto à família e junto aos professores, que podem auxiliá-lo nos primeiros passos, incentivando-o.

O número restrito de aulas de Língua Portuguesa no ensino médio e o fato de que o professor da disciplina tenha que dividir tais aulas entre o ensino da língua, da literatura e da redação, e a necessidade de cumprir um determinado planejamento, não favorece a abertura para idas à biblioteca, para a leitura de textos que demandam mais tempo e mais número de aulas. Repensar esse sistema e repensar a própria aula é tarefa urgente.

Desse período (ensino médio) lembro-me que nas aulas de literatura estudávamos as escolas literárias visando decorar o nome de algumas obras, o nome de autores mais conhecidos e, sobretudo, as características do movimento e da escola a que pertencia cada autor. Apenas uma leitura, nesses três anos, ainda me recordo de ter feito, mas não me lembro do autor e nem mesmo do nome da obra. Lemos tal texto para fazermos uma prova. Não nos foi dada a oportunidade de compreender e discutir a mesma. A literatura, trabalhada dessa forma, era distanciada de sua relação com a história e distanciada do prazer da leitura, da discussão e dos diversos posicionamentos.

Esse fato nos ajuda a pensar o ensino da literatura nas escolas, que deveria priorizar a leitura de textos literários agregando a eles, posteriormente, as reflexões acerca da contextualização histórica e literária, acerca das sensações e conflitos durante a leitura, acerca dos sentimentos despertados e da relação do texto com a própria realidade. É

preciso, em primeiro lugar, valorizar e incentivar a leitura do texto. É preciso deixar que os alunos falem sobre o que leram, exponham seus pontos de vista e aceitem os pontos de vista do outro para que percebam a diversidade. Devem-se ampliar os horizontes dentro das possibilidades do texto. O professor deve ser o “guia” nessa jornada, fazendo uma ponte entre o aluno e o texto literário. Mais do que seguir um cronograma determinado e delimitado, é preciso proporcionar ao aluno um tempo dedicado à literatura.

Os contatos seguintes com a literatura aconteceram durante a preparação para os vestibulares que exigiam a leitura de obras para a realização da prova. Embora sejam leituras obrigatórias, tais seleções servem de orientação na leitura, ou seja, apresentam um objetivo definido (leitura atenta aos aspectos estilístico-literários, históricos e sociais) e que permitem uma reflexão abrangente. Foi nessa época que me apaixonei verdadeiramente pela literatura, pois tive a oportunidade de experimentar leituras novas e que me enriqueceram muito, que me possibilitaram ampliar meus conhecimentos acerca da humanidade e seus conflitos, bem como me conhecer e me reconhecer em alguns personagens. As leituras me davam uma visão mais ampla de mim e do mundo, ainda que um tanto limitadas por uma lacuna na formação literária que não priorizou o contato com as obras através da leitura durante os anos anteriores.

Vale destacar três obras significativas deste momento: *Senhora*, de José de Alencar (1980) – que nos traz uma história de amor em meio à corrupção do dinheiro -; *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz (1997) – que surpreende pela chantagem, pela traição, pelas imposições sociais e, principalmente, pela frieza diante da morte -; e, por fim, *O monstro*, de Sérgio Santana (1994), com ênfase particularmente no tom de erotismo da primeira narrativa.

Essa última leitura me trouxe alguns conflitos pessoais pelo fato de eu ter tido uma formação católica. Muito embora, o contato com o corpo, com o erotismo narrado no conto ao mesmo tempo que apresentava uma aura de proibição, de pecado, atualizavam em mim outras e diferentes percepções. Quando li tal obra minha primeira reação foi uma certa indignação com relação ao fato de a Universidade adotar uma obra com narrativas sensuais. Era algo quase “imoral” – assim pensava na época. Contudo, trata-se de uma forma de ampliar no leitor novas perspectivas, de criar um conflito consigo próprio de modo a pensar a vida, a relação com o próprio corpo, com o outro, com a sociedade e com as relações de poder.

Foi a partir do ingresso no curso de Letras que expandi minha bagagem de leituras e, conseqüentemente, meu repertório cultural. Foi nesse momento que abandonei a visão religiosa que imperava no julgamento das obras e limitava minha compreensão dos textos e do mundo. Hoje leio com uma visão diferente e acredito que a literatura pode sim mudar nosso ponto de vista, ampliar nossa cultura e mudar nosso modo de pensar e agir

nos conflitos pessoais e com o outro. Em muitos casos, aqueles que não leem, mesmo que não percebam, estão, quase sempre, presos a imposições da sociedade, a costumes moralizantes, mas sem fundamentação, a tradições arcaicas.

As leituras obrigatórias, se assim se quer, não são vistas aqui como prejudiciais, como no caso do vestibular e, mesmo, no caso da escola. Foi a partir delas que a paixão pela literatura se fortaleceu. Para a realização dos vestibulares não deixei de ler as obras e, confesso que era o tópico que mais me interessava. Não me contentava em ler os resumos, como era do costume de muitos alunos. Destaco, portanto, a importante participação do professor no incentivo à leitura. Este deve ser o alicerce para que o interesse e a paixão pelos livros sejam despertados. A liberdade em escolher um livro vem com o tempo. As leituras, ditas obrigatórias, juntamente com um bom acompanhamento do professor e uma contextualização do texto, são de enorme valia. Nesse momento é preciso ouvir o aluno, deixar que ele expresse suas sensações de leitura.

Avalio que a principal questão quanto à formação do leitor e ao gosto pela literatura está no acesso aos livros e à cultura em geral que pode vir de diferentes espaços: a família, que pode oferecer os primeiros contatos e o gosto pela narrativa através de contos e histórias infantis da tradição oral, através de músicas, através de leituras de obras infantis, que contenham imagens, fazendo com que a criança seja despertada para a imaginação e entenda melhor o que ouve; também a sociedade, que deve ter consciência de que a leitura tem sua finalidade e que deve ser incentivada por todos e oferecida a todos; o Estado também tem seu papel na criação de bibliotecas públicas, na criação de espaços para discussão e leitura de textos literários e no diálogo entre as artes (teatro, cinema, museus, exposições artísticas em geral). É preciso também valorizar a literatura enquanto direito cultural e essencial.

Embora houvesse uma carência de leituras prévias, as leituras que faço hoje me trazem um contato muito mais aprofundado com o texto. A estrutura textual, a narrativa, a ironia, as características dos personagens, o humor etc. são mais bem compreendidos. O único lamento é que o contato tardio com a literatura não me propiciou um prazer e uma alegria desde a infância.

As primeiras leituras no curso de Letras foram *Édipo Rei*, de Sófocles, *A poética*, de Aristóteles e *Odisseia*, de Homero. No início, um certo medo das possíveis cobranças feitas posteriormente à leitura. Mas as discussões em sala de aula nos tranquilizavam e nos levavam a pensar a obra de uma forma diferente. As explicações ampliavam nosso conhecimento. Confesso que *Édipo Rei* me chamou mais atenção por causa do drama apresentado, o que deixa o leitor na expectativa quanto à solução do conflito.

Outro momento marcante, já depois de ter iniciado o curso de Letras, foi ter tido o prazer de ganhar de um amigo o livro *As ilusões perdidas*, de Balzac (1978). O enredo me

surpreendeu pela capacidade de envolver o leitor na narrativa realista. O jogo de poderes, de interesses, a cidade de Paris. São traços desenhados pelo autor que nos impressionam, nos comovem, nos desiludem, enfim, uma aprendizagem inigualável e uma grande satisfação. A literatura não significa, portanto, um escapismo da realidade e dos problemas. Ela é também uma forma de nos ajudar a ver o mundo através de perspectivas diferentes que possibilitam lidar melhor com nossa eterna incompreensão.

Após optar pela habilitação em Língua e Literatura Francesa pude ler diversos autores franceses de vários séculos. Desse modo, pude ler Rousseau pela primeira vez. O texto, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens* (2010), em que se analisa as condições e os motivos das desigualdades na sociedade é surpreendente. Mostra o quanto a literatura é questionadora dos conflitos humanos e o quanto podemos ser cegos aos acontecimentos e às relações de poderes que se estabelecem em toda a estrutura da sociedade.

Considero, hoje, que esse é o papel da literatura, fazer com que possamos escutar as vozes além do poder estabelecido. É a possibilidade de nos tornarmos críticos do mundo e de nós mesmos através da revolução da linguagem, pois nas palavras de Barthes: “Essa trapaça salutar, essa esquivia, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.” (BARTHES, 2004, p. 16)

Outra leitura que me surpreendeu por mostrar as várias faces dos homens, como a miséria, a exploração do trabalho infantil, o abuso de poder, a crueldade, mas também a regeneração, a amizade e o amor foi *Les misérables* (Os miseráveis), de Victor Hugo (2010). A obra faz circular saberes capazes de nos fazer sentir os conflitos que ali estão contidos. Novamente, cito Barthes “(...) a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.” (BARTHES, 2004, p. 18). A sensibilidade do autor em nos mostrar os acontecimentos e as vidas que se cruzam numa trama bem realizada nos faz, também, sensíveis aos vários dilemas e sofrimentos dos personagens.

Também na graduação pude ler Jean-Paul Sartre: *O existencialismo é um humanismo* (1987). Obra que traz, em resumo, grande parte do pensamento filosófico do autor. Aqui nos é dada a oportunidade de refletir sobre o nosso posicionamento diante da sociedade e diante de nós mesmos. Somos responsáveis por nossas escolhas e essas escolhas se refletirão também na sociedade. Esse pensar-se a si e à sociedade é um ensinamento humanista de grande importância. Vai de encontro ao comodismo, à alienação e à idéia de neutralidade. Não se deve esquecer que todas essas leituras eram discutidas juntamente com o professor. Isso evidencia que possibilitar ao aluno que discorra sobre o que leu, sobre o que entendeu e sobre o que não entendeu é fundamental para que ele

persista em outras leituras e não as abandone por falta de compreensão.

São as palavras de Antonio Candido que resumem esse importante papel da literatura: “Ela (a literatura) não *corrompe* nem *edifica*, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (CANDIDO, p.176).

A oportunidade de ler e de pesquisar uma obra em língua francesa intitulada *Alexis ou o tratado do vãõ combate* (1981), de Marguerite Yourcenar, aconteceu também na graduação. Tratava-se de um personagem (Alexis) que escrevia uma carta a sua esposa explicando os motivos que o levavam a abandoná-la. Seu desejo era alcançar a liberdade sexual (e, possivelmente, assumir sua homossexualidade) sem remorso ou culpa. A linguagem empregada pela autora condiz com as características do personagem: tímido, reflexivo e que havia crescido num ambiente onde a religião era marcante. Os conflitos do personagem são bastante reais e sua busca pelo conhecimento de si faz com que nos identifiquemos com essa difícil “arte de viver”.

Passo agora às leituras feitas no mestrado (2012-2014), que está em curso, enfatizando que a prática da leitura se estabelece quando o acesso e o incentivo são valorizados. Novamente elejo Balzac, com a obra *Le père Goriot* (1971). Nesse texto nos deparamos com uma série de conflitos humanos: a avareza, a morte, a ganância, a usurpação. Cabe aqui um breve questionamento: o que pode haver de interessante em todos esses aspectos negativos do ser humano? Uma pergunta válida! A verdade é que o contato com esses aspectos da obra literária nos faz refletir sobre os paradoxos e a complexidade da vida.

Em *Résurrection* (Ressurreição), de Tolstói (1900), o conflito de sentimentos, de desejos, de vontade de interferir no curso da narrativa, alertando ou orientando os personagens, também se dá de forma envolvente. Os acontecimentos sociais narrados nos surpreendem pelo tom de crueldade, de mudança na perspectiva dos personagens e da mudança de nossas próprias perspectivas. O envolvimento no conflito que se estabelece na narrativa nos faz sensíveis às mazelas do mundo.

Sempre que fazemos uma nova leitura somos capazes de estabelecer intertextos com outras obras já lidas. Isso faz com que percebamos a ligação e o dialogismo entre os textos e a nossa ligação com tais obras. O diálogo estabelecido entre nós leitores (nossas experiências de vida e de leituras prévias) com as suposições que fazemos do pensamento do autor e com o conteúdo do próprio texto nos possibilita uma ampla visão do mundo e do contexto que cerca a narrativa e, principalmente, a compreensão da realidade e do contexto que nos cerca.

O amor pela literatura não é algo que se obrigue ou que se imponha pelo professor ou pelos pais. Torna-se leitor através do incentivo e do convívio com outros leitores e

através do contato que deve ser possibilitado a todos. Portanto, os pais e professores, bem como a sociedade e o Estado, devem sim incentivar a leitura. Mas é preciso, sobretudo, que haja o interesse por parte do leitor, que este se apaixone pela leitura e queira sempre navegar nesse oceano de vidas, de vivências, de experiências.

Trata-se de um direito essencial e que não deve ser negado ao ser humano: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1995, p. 191). É um direito que pode contribuir para uma melhor adequação do sujeito nesse mundo desajustado e desigual. Aproveitando-se do pensamento de Paulo Freire, pode-se dizer que a literatura não muda o mundo, mas pode mudar o leitor, tornando-o capaz de mudar o mundo.

O mundo virtual e midiático tem incorporado as artes com as mais variadas formas de expressão, mas confesso que a sensação de ter um livro disponível ao toque das mãos é incomparável. Nas palavras de Leyla Perrone-Moysés: “Os novos meios disponíveis obrigam o livro a reformular-se, a encontrar seu lugar entre eles. Mas, de modo algum, o condenam ao desaparecimento. A literatura ainda tem futuro, a Biblioteca ainda não foi destruída. E nós, leitores e escritores, aqui estamos para ler, eleger e prosseguir.” (MOISÉS, 1998, p.215). Enquanto leitor, eu assumo esse papel de ler, eleger e prosseguir, pois sei que serei reciprocamente lido, eleito e igualmente levado a progredir. Enquanto professor, eu devo proporcionar aos alunos o contato com a literatura para que possam ampliar seus conhecimentos, suas perspectivas, seus sonhos, seus mundos, para que se reconheçam sujeitos de si e agentes da transformação pessoal e social.

A leitura de vários críticos nos proporciona várias visões de determinadas obras e da literatura em geral. Alguns pensamentos se complementam outros se contrapõem. Mas o que deve ser priorizado é a leitura da obra em si. Devemos nos tornar também críticos, sem, contudo, abandonar o prazer proporcionado pela leitura sem fins acadêmicos.

A literatura nos tira do conforto e nos coloca diante do medo, do vazio, do silêncio e da morte e, como sinaliza Umberto Eco “Creio que esta educação ao Fado e à morte é uma das funções principais da literatura. Talvez existam outras, mas não me vêm à mente agora.” (ECO, 2003, p. 21). O trecho nos informa que a vida é limitada, complexa, angustiante, inventiva, mas que pode ser ampliada em todos os sentidos a partir da literatura.

O silêncio proporcionado pela leitura é o contato conosco e é a possibilidade de pensarmos a vida, os conflitos pessoais e sociais. O silêncio, que nos escapa cada vez mais e nos faz desatentos à vida, é possibilitado pela literatura. Silenciar o mundo para nos escutarmos e escutarmos o texto literário deve ser uma prioridade em meio à poluição sonora e visual à qual estamos expostos.

Assim, concluo estas memórias de leitura citando Ítalo Calvino em relação aos clássicos da literatura: “[Eles] constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (CALVINO, 1993, p. 10).

O professor deve dar aos alunos a possibilidade de cultivar o hábito de leitura. Deve-se permitir a escolha livre do livro literário, mas deve-se também orientá-lo e levá-lo a ler os diversos textos das diversas literaturas. Devem-se discutir os pontos de vista, sem impor uma conclusão, uma interpretação. Deve-se inspirar o aluno e, para que isso aconteça, é preciso que o professor seja, sobretudo, um leitor, um leitor apaixonado, um leitor atento, um leitor capacitado a formar novos leitores.

Estas memórias podem auxiliar professores e pais, que são pilares extremamente importantes na formação de leitores, de filhos, de cidadãos. Elas também são um alerta à sociedade e ao Estado, que não devem privar ninguém de ter o contato com a literatura, porque, se trata de um direito que não pode e não deve ser negado. A (re)valorização da literatura se faz urgente em nossa sociedade.



REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Senhora**. – 10^a ed. – São Paulo: Ática, 1980.

BALZAC, Honoré. **As ilusões perdidas**. Tradução de Ernesto Pelandá e Mário Quintana. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____. **Le père Goriot**. Préface de Félicien Marceau; notices e notes de Thierry Bodin. Paris: Gallimard, 1971.

BARTHES, Roland. **Aula**. 12^a ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Tradução de D. Marcos Barbosa. Ilustrações de Marie Louise Nery. – 48^a ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1992

ECO, Humberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-21.

HUGO, Victor. **Les misérables**. Édition 10. Paris, Maury Imprimeur, 2010.

MOISÉS, Leyla Perrone. A literatura na era da globalização. In: _____. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 203-215.

QUEIROZ, EÇA de. **O primo Basílio**. São Paulo: Klick, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: M. Claret, 2010.

SANTANA, Sérgio. **O monstro: três histórias de amor**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**; A imaginação; Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

TOLSTOÏ, Léon. **Résurrection**. Traduit du russe par Teodor de Wyzewa. PARIS : Librairie Académique Didier. Perrin et C^{ie}, Libraires-éditeurs, 1900.

YOURCENAR, Marguerite. **Alexis ou o tratado do vão combate**. Tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.



Título em inglês:
READING MEMORIES: A BRIEF INVENTORY

INVENTÁRIO